

28 MAI 1995

COLUNA DO CASTELLO ■ MARCELO PONTES

Começa o jogo da sucessão presidencial

É cedo demais para tratar deste assunto, mas o jogo da sucessão presidencial de 1988 começou a ser jogado. Não foi preciso sequer que o presidente Fernando Henrique Cardoso corresse o risco de estender a mão e a cadeira para uma conversa com os petroleiros grevistas antes da volta ao trabalho. O presidente temia que, fazendo isso, fosse decretado o fim do seu governo.

A sucessão começa a andar não quando o governo acaba de fato, mas quando ele concretamente se inicia. O presidente da República e os governadores têm o hábito de dizer que nunca pensam em sucessor, e ficam inimigos dos que aparecem como tal na sua frente, fora do prazo de campanha eleitoral. Pouquíssimos agem como o ex-governador e senador Antônio Carlos Magalhães. "Quando tomo posse, penso logo em quem vai me suceder", diz ACM.

Se alguém perguntar no ouvido do presidente Fernando Henrique se esses quase cinco meses de governo foram atraentes a ponto de seduzi-lo para a idéia de

reeleição, ainda ouvirá que a posição do presidente é a mesma de antes da posse — contra a reeleição. Mas não há um só aliado dele, de qualquer dos partidos que compõem a cesta básica da dieta parlamentar do governo, que acredite nisso. Tanto que foi o PFL, para não ser acusado mais adiante de deslealdade, o primeiro partido a propor a reeleição de Fernando Henrique — mesmo sabendo da tendência do Congresso de aprovar a reeleição apenas dos próximos mandatos em diante.

Obviamente, a idéia de reeleição de Fernando Henrique só prospera se o governo dele também prosperar. Mas, para andar, a sucessão não precisa medir o governo por termômetro. Tem bateria própria. Semana passada, um desabafo do ex-ministro Ciro Gomes pareceu apenas isso, um desatempo, mas foi claramente um lance calculado do jogo da sucessão presidencial de 1998.

Passando pelo Brasil, numa das folgas entre o seu relaxado torneio de estudos em Harvard e uma viagem, a pedido de Tasso Jereissati, para conhecer o Banco do Povo de Bangladesh, Ciro fez declarações muito agressivas contra o ministro do Planejamento, José Serra. Quando lhe perguntaram se era verdade que iria se transferir do PSDB para o PDT, Ciro respondeu: "Isso é queimação. É notícia plantada pela mesma fonte que provoca mil intrigas contra mim e que é de dentro do PSDB. É o ministro José Serra, com quem tenho desavenças absolutas e definitivas."

Objetivamente, Ciro Gomes não pensa em outra coisa a não ser torpedear a mais remota possibilidade que possa existir de José Serra ser o candidato do PSDB

a presidente da República em 1998. O candidato declarado de Ciro para 1998 não é ele próprio, mas, sim, Tasso Jereissati, que, aliás, é tido entre os aliados do PSDB no governo como nome mais qualificado, no momento, do que o de Ciro, por ter mais experiência administrativa e não ser temperamental e agressivo.

Não são as agressões de Ciro que impedem Serra de continuar como nome potencial para 1998. Serra é um dos mais preparados técnicos da safra que está no poder. Tem ambições naturais, alimentadas basicamente pelo gosto que tem pelas coisas do Poder Executivo. Quer ser presidente da República, mas não acha ruim ser governador de São Paulo, como quis ser 1994 e foi vencido por Mário Covas. Não gosta de ser parlamentar. Gosta de mandar e de operar dentro do governo.

O que é uma qualidade e uma virtude acaba sendo também o seu maior defeito: faz no governo coisas que têm que ser feitas e que devem ser aplaudidas. Poucos têm coragem de fazê-las. Por isso, cria áreas de atrito por todo canto. Tem razão na maioria das vezes, mas acaba fazendo do atrito um estilo. Odeia ser criticado, como qualquer mortal, mas de vez em quando merece, também como qualquer mortal. O maior problema de Serra é que nas confusões causadas por seu iluminado talento, por sua vaidade e por suas ambições acaba esquecendo quem é seu admirador e quem joga a favor de suas causas. Mas não é nada tão grave que uma simples injeção de bom humor no ministro não possa resolver.

Isso dá uma dimensão dos problemas que o PSDB

terá em 1998, se o candidato natural não for o mesmo de 1994. No PFL, ACM diz que o candidato não será ele, mas o filho, Luís Eduardo Magalhães. Fernando Henrique morre de amores por Luís Eduardo, principalmente pelo desempenho dele na condução da votação das reformas. Mas se alguém quiser ir além disso e perguntar a Fernando Henrique o que acha do nome de Luís Eduardo para seu sucessor, a resposta será mais ou menos a seguinte: "Ele primeiro precisa ser governador da Bahia. Primeiro, ele tem que sair como chefe político da Bahia." ACM responderia, rindo: "Mas ele, Fernando Henrique, não saiu primeiro como chefe político de São Paulo para chegar à Presidência da República."

O jogo, como se vê, está sendo jogado. Se o destino não embaralhar as cartas, não adianta fazer apostas em Marco Maciel, por exemplo. É um excelente articulador de bastidores. É um desastre na televisão, instrumento principal de uma campanha presidencial.

Dos governadores atuais, convém prestar atenção em Mário Covas, se conseguir o milagre de consertar as finanças de São Paulo em tão curto tempo; em Antônio Britto, se recuperar a economia do Rio Grande do Sul; em Jaime Lerner, por sua criatividade, e em Eduardo Azeredo, por enquanto apenas por ser mineiro.

Não se esqueça da nostalgia de dois ex-presidentes: José Sarney e Itamar Franco. Nem dos eternos candidatos. Brizola diz que não se candidata mais: Maluf não é louco de desistir. E Quéricia... Bem, quem sabe melhor de Quéricia é Enéas, que o derrotou em São Paulo.